

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas  
Especialização em Projetos Sociais: Formulação e Monitoramento

Adriana Lino do Reis

**VIOLÊNCIA ESCOLAR: manifestações e possibilidades**

Belo Horizonte  
2020

Adriana Lino do Reis

## **VIOLÊNCIA ESCOLAR: manifestações e possibilidades**

Monografia de especialização apresentada à Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção de título de Especialista em Projetos Sociais: Formulação e Monitoramento

Orientadora: Profa. Dra. Vera Lúcia Nogueira

Belo Horizonte  
2020

301  
R375v  
2020

Reis, Adriana Lino dos.  
Violência escolar [recurso eletrônico] : manifestações e possibilidades / Adriana Lino dos Reis. - 2020.  
1 recurso online (33 f.) : pdf  
Orientadora: Vera Lúcia Nogueira.

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Projetos Sociais: Formulação e Monitoramento - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

Inclui bibliografia.

1.Violência escolar. 2.Ambiente escolar.. I.Nogueira, Vera Lúcia. II.Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III.Título.



Universidade Federal de Minas Gerais  
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas  
**Departamento de Sociologia**  
Av. Antônio Carlos, 6627 - Pampulha  
31.270-901 - Belo Horizonte - MG

## **ESPECIALIZAÇÃO EM PROJETOS SOCIAIS: FORMULAÇÃO E MONITORAMENTO**

### **ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA DE 2017770854 - ADRIANA LINO DOS REIS**

Aos vinte dias do mês de fevereiro de dois mil e vinte, reuniu-se a banca examinadora de defesa de monografia do Curso de Especialização em Projetos Sociais: Formulação e Monitoramento, composta por Orientador: Vera Lucia Nogueira e Glauber Eduardo Ribeiro Cruz para examinar a monografia intitulada “*Violência Escolar: Manifestações e Possibilidades*” de 2017770854 - ADRIANA LINO DOS REIS. Procedeu-se a arguição, finda a qual os membros da banca examinadora reuniram-se para deliberar, decidindo por unanimidade pela aprovação da monografia. Para constar, foi lavrada a presente ata que vai datada e assinada pela Coordenadora.

Belo Horizonte, 20 de fevereiro de 2020

Profa. Danielle Cireno Fernandes  
Coordenadora do Curso de Especialização em  
Projetos Sociais: Formulação e Monitoramento

*A Deus,  
Aos meus filhos (Lucas Marcony e Ana Eduarda),  
Ao meu esposo (João Viana).*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus pela oportunidade e privilégio de poder concluir mais essa etapa estudantil, mesmo parecendo atemporal, é com grande alegria que reconheço mais uma vez o sustento de Deus para comigo.

Aos meus filhos, Lucas Marcony e Ana Eduarda, pelo apoio, incentivo e cooperação durante todo esse curso.

À UFMG pela oportunidade de fazer parte do seu corpo discente, verdadeira realização de um sonho.

Aos Professores (as) que se empenharam e se dedicaram durante cada etapa do curso com muita simpatia em cada encontro/aula, inclusive.

À Professora Doutora Vera Lúcia Nogueira pela receptividade e dedicação ímpar no processo de orientação da monografia.

## **RESUMO**

A presente pesquisa objetiva identificar os tipos de violência que ocorrem dentro do ambiente escolar como também busca conhecer as ações que motivam as diversas formas de violência dentro da esfera da escola. Compreender as manifestações da violência e quais as possibilidades para prevenção e combate compõem a problemática que motiva essa monografia. Para se alcançar a compreensão, parte-se da pesquisa documental mediante trabalhos acadêmicos que dissertam sobre a temática. Tais trabalhos foram encontrados no acervo da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Por intermédio da análise dos supracitados trabalhos, conclui-se que a violência que ocorre na escola é reflexo do tecido social que está além dos muros da instituição. Não há como enfrentar a violência na escola a não ser pela via da construção dialógica coletiva de soluções possíveis que englobe alunos, profissionais, comunidade escolar e demais atores sociais. Construção essa que está também preceituada na Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, a qual estabelece as diretrizes e bases da educação nacional – LDBEN.

Palavras-chave: Violência na escola. Ambiente escolar. Construção coletiva.

## **ABSTRACT**

This research aims to identify the types of violence that occur within the school environment, as well as seeking to know the actions that motivate these various forms of violence. Understanding the manifestations of violence and what are the possibilities for prevention and combat make up the problem that motivates this monograph. To accomplish this objective, it has made a documentary research through academic works on the theme on frame. Those were found in the collection of the Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations. Through the analysis of the aforementioned works, it is concluded the violence that occurs at school is a reflection of the social fabric beyond the walls of the institution. There is no way to face violence at school except through the collective dialogical construction of possible solutions that include students, professionals, the schools community and other social actors. This construction is also prescribed in Law No. 9,394 of December 20, 1996, which establishes the guidelines and bases of national education.

Keywords: School violence. School environment. Collective construction.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>Introdução</b> .....	<b>8</b>
<b>2</b>	<b>DIÁLOGO SOBRE VIOLÊNCIA</b> .....	<b>11</b>
2.1	Conceituando violência.....	12
2.2	Causas da violência no ambiente escolar e os estudos dedicados a ela .....	16
<b>3</b>	<b>A REALIDADE DA ESCOLA COM MANIFESTAÇÕES DA VIOLÊNCIA ESCOLAR</b> .....	<b>20</b>
3.1	Manifestações da violência escolar .....	20
3.1.1	Violência contra a escola .....	21
3.1.2	Violência na escola .....	22
3.1.3	Violência da escola .....	23
3.2	A escola permeada com a violência e possibilidades para enfrentá-la.....	25
<b>4</b>	<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>31</b>
	<b>Referências</b> .....	<b>32</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O tema desta monografia é a violência, especificamente, a violência Escolar. O interesse por esse tema está relacionado à minha atuação profissional como professora em escolas da rede pública no Estado de Minas Gerais, onde tenho vivenciado inúmeras situações, nas quais observo as mais variadas e impressionantes reações violentas, por motivos fúteis na maioria das vezes. Um simples toque, um olhar, um esbarrão, um gesto, têm sido motivo para iniciar uma situação de ataques violentos diversos (agressão verbal, agressão física, comportamento irregular/indisciplina etc.), principalmente, entre aluno/aluno, aluno/professor, dentro do ambiente escolar.

Essa convivência direta e diária ao longo de, aproximadamente, 23 anos, trabalhando, principalmente, com alunos do Ensino Fundamental I e, também, em contato direto com alunos do Fundamental II e Ensino Médio, tenho observado as mudanças comportamentais do corpo discente de forma espantosa. Os alunos das gerações atuais, parecem encontrar no ambiente escolar o espaço ideal para expressar seus sentimentos agressivos, agressões verbais, físicas, entre outros, como se estivessem impulsionados, apenas, a provocar o desconforto do outro, sem se preocupar com as consequências, privando o próximo do seu direito de liberdade, tornando assim a realidade desse espaço cada vez mais conflituoso e amedrontador.

A escola da sociedade moderna está inserida num contexto de violência urbana, doméstica e exclusão social. Em seus estudos, Eloísa Costa (1993) demonstra que as manifestações da violência no ambiente escolar são reflexos das violências que acontecem na sociedade, em espaços fora da escola. Diante a essa situação e fazendo parte de uma comunidade escolar, é impossível não refletir sobre as causas que levam a atitudes tão agravantes, por atores de todas as idades, incluindo entre eles, alunos do Ensino Fundamental I, que compreendem a faixa etária de seis a dez anos, alunos do Fundamental II e alunos do Ensino Médio.

Motivada pela minha vivência diária e direta como profissional e sabendo o meu compromisso com a educação, é grande a inquietude diante da crescente onda de situações violentas ocorridas dentro do espaço escolar nas últimas décadas. A inquietude diante desse tema traz um grande interesse por pesquisas no sentido de compreender as motivações que levam às ações cada vez mais agressivas dos

alunos dentro do ambiente escolar.

No Brasil, a questão da violência dentro das escolas, vem sendo notificada, amplamente, pela mídia. Temos presenciado nos noticiários fatos de agressões dentro das escolas que têm um desfecho trágico e, na maioria das vezes, com vítimas fatais, como a tragédia ocorrida na Escola Estadual Raul Brasil em Suzano-SP, quando um adolescente de 17 anos e um homem de 25 anos (ex-alunos da E. E. Raul Brasil) invadiram o colégio, mataram sete pessoas (entre elas cinco alunos e dois funcionários), feriram onze pessoas e, logo após o massacre, o mais novo atirou contra o mais velho e em seguida se suicidou, de acordo com a polícia<sup>1</sup>. Outra situação ocorreu no Instituto de Educação de Minas Gerais (BH), quando um aluno de 17 anos foi agredido a socos e pontapés por um colega de 18 anos no pátio da escola, foi socorrido ainda com vida, mas não resistiu e morreu<sup>2</sup>. Eles participavam de um jogo de futebol durante o recreio. O motivo das agressões teria sido por causa de um desentendimento de turma. O agressor já apresentava um histórico de agressividade com mais de trinta ocorrências, de acordo com a escola.

As escolas particulares também não estão isentas de acontecimentos violentos em seu cotidiano. Conforme estudo apresentado em 10 de maio de 2011, pelo Fundo das Nações Unidas pela Infância - UNICEF, realizado em parceria com a Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais – FLACSO. O estudo revelou que em escolas frequentadas por alunos de classe alta a prática do bullying é mais recorrente<sup>3</sup>.

O quadro com vítimas fatais resultante da violência dentro do ambiente escolar é cada vez mais alarmante em todas as esferas escolares, seja na rede pública ou privada, escolas localizadas nas áreas centrais das grandes cidades ou nas escolas centradas na periferia. O ambiente escolar parecer ter deixado de ser o espaço de formação e diálogo e se tornado um palco de conflitos violentos. Parece ser o local escolhido para o desabafo agressivo da geração discente atual, uma explosão de sentimentos negativos, sentimentos de ódio, revolta, insatisfação, tristeza, que parecem estarem adormecidos e que por motivos fúteis ou até mesmo sem motivos aparentes, um pequeno gesto ou palavra são o suficiente para que a

---

<sup>1</sup>G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/noticia/2019/03/13/cronologia-massacre-em-suzano.ghtml>. Acesso em 5 nov. 2019.

<sup>2</sup>G1 Minas. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2018/11/20/morre-aluno-agredido-em-escola-estadual-tradicional-de-belo-horizonte.ghtml>. Acesso em: 20 nov.2019.

<sup>3</sup>FLASCO. Disponível em: <http://flasco.org.br/?p=14965>. Acesso em: 26 jan. 2016.

explosão aconteça, como se existisse um botão só esperando um leve toque para detonar.

Essa nova realidade assusta nossas crianças, nossos adolescentes, enfim todo o corpo discente e docente de forma geral, os quais estão convivendo diretamente com a violência dentro da escola e sofrendo suas consequências. Diante de tal situação, faz-se necessário que a comunidade escolar, formule e promova estratégias de prevenção e enfrentamento da violência escolar. Ações de intervenção pedagógica dessa natureza, não são, propriamente, deveres do cotidiano da escola, mas pela realidade do grau de violência que a envolve nas últimas décadas, torna-se necessário que se busquem formas para preencher espaços vazios, do processo de formação humana e o alargamento da socialização escolar.

Ante a constante observação do comportamento agressivo dos alunos dentro da escola e aos mais diversos noticiários de violência dentro do espaço escolar provocados por alunos ou ex-alunos, aumenta cada vez mais a necessidade de se pesquisar sobre o que provoca tais atitudes e o que fazer ante elas. Assim, ao buscar compreender as manifestações das violências no ambiente escolar, o problema desta pesquisa é: quais os tipos de violência presentes no ambiente escolar?

Nesse sentido, esta monografia tem como objetivo geral: Identificar quais os tipos de violência presentes no ambiente escolar. Há a busca por conhecer as ações que motivam as diversas formas de violência dentro da esfera escolar.

A elaboração do presente trabalho se deu a partir do estudo teórico da literatura sobre o tema, ou seja, leituras e análises de artigos, dissertações, reportagens relacionadas com o tema tratado nesse documento.

Esta monografia foi organizada em dois capítulos. No primeiro, faz-se uma abordagem sobre o tema da violência, de maneira geral, sua repercussão na sociedade e dentro do ambiente escolar. No segundo capítulo, a abordagem recai sobre a realidade da escola, as manifestações da violência no ambiente escolar e, por fim, discorre-se sobre as possibilidades para prevenção e combate à violência escolar.

## 2 DIÁLOGO SOBRE VIOLÊNCIA

O presente trabalho aponta para as diversas formas de violência ocorridas dentro do âmbito escolar e a preocupação em promover formas de enfrentamento e prevenção dentro da escola com a participação de toda a comunidade escolar. Após algumas definições que aqui serão expostas, do que significa o termo violência, poderemos compreender melhor os conflitos existentes principalmente entre alunos dentro da escola. O objetivo desse capítulo é trazer algumas definições conceituais sobre a violência e algumas de suas causas. Também se apresentará as contribuições dos trabalhos localizados mediante pesquisa no acervo da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) como de demais trabalhos científicos que abordam a presente temática da violência escolar.

A violência atinge o mundo contemporâneo e está dissipada em todas as classes sociais, nas mais variadas configurações: violência verbal, simbólica, psicológica, física, entre outras. Ela também não se restringe ao espaço, classes sociais ou faixa etária. Tem se apresentado de forma marcante dentro do espaço escolar, onde ocorrem manifestações agressivas por diferentes atores que compõem esse espaço: alunos, professores, funcionários da escola, etc.

Na maioria das vezes o aluno encontra na escola, geralmente dentro da sala de aula, o espaço no qual reproduz aquilo que ele vive em sua própria casa, no convívio com a família e nas ruas. Ameaças sofridas fora da escola, o medo, a falta de diálogo, a dificuldade em lidar com as diferenças, a falta do respeito mútuo, são muitas vezes fatores que instigam a violência principalmente dentro das instituições escolares.

Conforme Debarbieux citado por Oliveira (2008), o fenômeno da violência em meio escolar é sempre um fenômeno complexo, que se recusa a ser reduzido à relação de causa e efeito. Ao utilizar essa expressão, Oliveira (2008) mostra que o autor quer chamar a atenção para o caráter relacional da própria noção de violência. Dito de outra forma, a violência no ambiente escolar tem, para Debarbieux, um vínculo com os grandes “determinantes sociais, numa relação direta com a exclusão vivida pelas novas classes populares” (DEBARBIEUX *apud* OLIVEIRA, 2008, p. 19). Assim, podemos perceber que, para o autor, estudar a violência no meio escolar exige um profundo conhecimento das condições de vida do sujeito da educação (alunos, professores, pais e funcionários) e, também, um conhecimento sobre o

entorno onde a instituição escolar está inserida.

Para uma melhor compreensão das questões relacionadas à violência escolar, esse capítulo foi organizado em duas seções. Na primeira, traz-se a conceituação da violência e na segunda disserta-se sobre suas causas.

## 2.1 Conceituando violência

Windson Oliveira (2008) afirma que

etimologicamente, *violência* vem do latim *vis*, força. Significa todo ato de força contra a natureza de algum ser, de força contra a espontaneidade, a vontade e a liberdade de alguém ou de alguma coisa valorizada positivamente por uma sociedade. Significa também transgressão contra aquelas coisas e ações que alguém ou uma sociedade define como justas e como um direito. Conseqüentemente, violência é um ato de brutalidade, sevícia e abuso físico e/ou psíquico contra alguém (OLIVEIRA, 2008, p. 25, grifos do autor).

Como se percebe acima, a violência ocasiona a quebra de determinada situação social considerada aceitável numa sociedade. A violência é um ato contra o outro ao ultrapassar limites estabelecidos, o não respeito ao espaço do outro e causando-lhe danos. O autor conclui que “a violência é um fenômeno que apresenta diferentes significados, que envolvem valores éticos e morais, fatores psicológicos, emprego de força, variáveis e condicionantes endógenas e exógenas” (OLIVIERA, 2008, p. 28). A violência é, então, uma situação complexa que requer análise responsável de suas causas para possibilitar a construção de formas de enfrentamento e prevenção. A escola, como ambiente de convivência social, terá influência das situações sociais exteriores, e a violência está presente em seu ambiente.

Pensar formas de prevenção e enfrentamento da violência dentro do ambiente escolar visa incentivar o restabelecimento das relações e favorecer a convivência entre os indivíduos que fazem parte da comunidade escolar e o respeito às diferenças. As intervenções precisam permear o dia a dia da escola e estarem inseridas no Projeto Político Pedagógico da instituição, necessitam estar contextualizadas com a realidade local da escola.

Se a instituição escolar conhece bem a realidade da comunidade escolar e da comunidade na qual está inserida, essa terá facilidade em desenvolver um Projeto Político Pedagógico (PPP) capaz de implementar medidas que auxiliem no combate,

prevenção e enfrentamento da violência dentro do seu espaço. Padilha (2001) afirma a necessidade da responsável elaboração do PPP, como também Jesus (2015) e Fonseca (2003) em suas obras dedicadas a expressar a relevância da construção do PPP para a gestão democrática da escola.

Eloísa Costa (1993) analisa em sua pesquisa o tratamento dado à violência no espaço escolar, bem como a relação entre a violência que se expressa dentro e fora daquele ambiente. Ao estudar uma escola pública da cidade de Duque de Caxias (RJ), a pesquisadora expressa que há a naturalização da violência praticada pela escola e construir uma proposta pedagógica coletivamente se abre como caminho à questão da violência escolar – o que é corroborado pelos autores citados logo acima.

Jane Costa (2007) se dedica ao pensar da violência nas escolas considerando-a como reflexo do que acontece no âmbito da violência social, ou seja, a dinâmica da violência tem origem na sociedade e se refletirá no ambiente escolar. A pesquisadora destaca que há sempre uma questão sempre fática nas escolas públicas que é a falta de infraestruturas, o alto índice de evasão escolar e a vulnerabilidade entre os alunos. A autora conclui que o fenômeno da violência nas escolas exige e requer, dos mais variados sujeitos envolvidos nos processos, um entendimento dos seus determinantes, para que, assim, possa-se intervir em tal fenômeno, que não se resume a atos de agressão física, mas que aparece, sobretudo, no não respeito ao diferente.

Renata Vasconcelos (2010) investiga a violência escolar como um novo sintoma do fracasso escolar. A autora conclui que o desejo dos alunos considerados bagunceiros, violentos e desordeiros era por uma escola que cumprisse a sua função de ensiná-los e servisse como espaço de apoio. Há a constatação que é preciso a construção da forma de ensino junto com os destinatários, ou seja, os alunos. Quando a construção é dialógica, há também a prevenção e combate da violência no ambiente escolar.

A violência escolar atinge escolas públicas e escolas particulares e, de acordo com estudos apresentados por Priotto (2006), concluiu-se que o tipos de violência ocorridos na escola pública e privada possuem características idênticas, apenas as opiniões dos professores têm concepções diferenciadas a respeito do papel da escola em relação aos atos de violência dentro do ambiente escolar. Dessa forma, a violência escolar é alvo de preocupação tanto na esfera pública quanto particular.

É notável a preocupação da população com a crescente onda de violência que aflige o cotidiano e a dificuldade em lidar com as trágicas consequências que ela ocasiona. A pesquisa de Priotto e Boneti (2009) permite compreender que a violência é uma manifestação de um conjunto de impulsos agressivos, que invadem a privacidade do outro, violando os direitos humanos e que, na maioria das vezes, provoca situações de desconforto para todos os envolvidos, gerando algum tipo de sofrimento ou dano principalmente em relação à vítima.

Infelizmente, a violência tem sido o foco de grande inquietação e investigação de vários setores da sociedade, entre eles, o setor educacional. A violência é hoje um fenômeno globalizado, mas está presente em todas as partes, inclusive dentro das escolas. A escola se democratizou, mas suas regras muitas vezes não são claras em relação às indagações do novo público que a compõe. Um público de um novo século que está em busca de inovações e de respostas rápidas às suas inquietações. A escola, porém, parece estar estagnada no século passado, apresentando dificuldades em lidar com essa nova realidade. Talvez esse seja um dos muitos motivos que geram o conflito dentro do ambiente escolar. Tal reflexão é feita pela socióloga Miriam Abramovay (2003) ao falar da crescente violência nas escolas brasileiras. A verdade é que, na maioria das vezes, a comunidade escolar, principalmente o corpo docente e a gestão, está despreparada para lidar com a escola de massa e com os antagonismos que surgem na escola atual.

Nessa perspectiva, é que se faz importante a busca por novas formas de intervenção e mediação no relacionamento e no convívio dentro do espaço escolar no campo da convivência com as divergências. É preciso buscar formas para lidar com a atenuação dos preconceitos e com a habilidade de conviver também com a multiculturalidade. Fazer uma leitura adequada da realidade da escola é imprescindível para que a formulação e articulação das estratégias de prevenção não envolvam apenas a comunidade escolar, mas outros atores institucionais e externos à escola.

A violência é hoje uma das principais preocupações da sociedade brasileira, ela atinge a vida e a integridade da pessoa. É uma transgressão de ordem e das regras da vida em sociedade como tratado por Priotto e Boneti (2009). É o atentado direto, físico contra a pessoa cuja vida, saúde e totalidade física ou liberdade individual correm risco a partir da ação de outros. Para os autores citados, a violência é, também, compreendida como uma manifestação histórica e social, de

múltiplas e complexas faces, que interage com o ambiente cultural da escola.

Segundo o Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (NOVO, 2008, p. 2065), violência é: “1. Qualidade de violento. 2. Ato violento. 3. Ato de violentar. 4. Constrangimento físico ou moral; uso da força; coação”. Percebe-se, então, que a violência se expressa por meio da tirania, da opressão e do abuso da força. A violência traz constrangimento, sentimento de perda, sofrimento para aquele que sofre a agressão. A vítima pode ter diversas reações, entre elas o isolamento.

Souza (2007) ensina que, para a Organização Mundial da Saúde (OMS), a violência é definida como:

Uso de força física ou poder, em ameaça ou na prática, contra si próprio, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade que resulte ou possa resultar em sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação (SOUZA, 2007, p. 15).

Para nosso pensar, é importante trazer os ensinamentos de Minayo e Souza (1997, p.528); a respeito da violência como questão da prática sociopolítica, eles entendem que

violência antes de ser um problema intelectual, é uma questão da práxis sociopolítica. Desse ponto de vista, requer a busca social das condições que a engendram. O contrário da violência não é a não violência, é a cidadania e a valorização da vida humana em geral e de cada indivíduo no contexto de seu grupo. (MINAYO e SOUZA, 1997, p. 528)

Como exposto acima pelos autores, é através das relações entre os sujeitos que situações de violência podem acontecer. Quando essas relações na arena social não estão pautadas no exercício da cidadania e na valorização da vida de cada ser humano, poderá ocorrer a manifestação de formas violentas entre os atores sociais.

Uma das ideias é que a violência é um problema da sociedade e, também, de saúde pública, pelas consequências que seus atos podem desencadear (PEREIRA, 2015). De acordo com Melo (2010), a violência é entendida como o rebaixamento do sujeito à condição de objeto, por meio de qualquer forma de coerção. Como ressaltado por Abramovay (2003, p.98) afirma ser violência: “magoar, agredir por falta de respeito”. Todas essas formas se manifestam no ambiente escolar, e conhecer suas causas é necessário para preveni-las e combatê-las.

## 2.2 Causas da violência no ambiente escolar e os estudos dedicados a ela

As causas ou origens da violência é um tema que vem sendo discutido com veemência pelas diversas camadas da sociedade, pois está presente no cotidiano dos grandes centros urbanos como também nas esferas periféricas (COSTA, 2007). A violência ganha força a cada dia dentro do ambiente escolar, tornando-o vulnerável às ações agressivas ocorridas com frequência na escola e, também, contra a escola.

Maria de Fátima Branco (2014) coloca em sua pesquisa que as causas da violência escolar estão ligadas a fatores socioeconômicos e institucionais. Nesse pensar, as causas da violência são associadas, em parte, a problemas sociais como miséria, fome, desemprego. Mas nem todas as causas derivam das condições econômicas, como se apreendeu das discussões de Souza (2008) em sua pesquisa. Embora a violência ocorra dentro das escolas, não quer dizer que é gerada pela escola em si, mas por diversos fatores externos, como, por exemplo, a desestruturação familiar, os conflitos sociais, o narcotráfico, a mídia, entre outros.

Em se tratando de crianças e adolescentes, a família necessita compreender suas responsabilidades e deveres com os filhos. A família, nesse caso, é entendida como todos os sujeitos que fazem parte do núcleo familiar da criança ou do adolescente, ou seja, são todos aqueles que têm relação direta de responsabilidade, afeto e cuidado. Nesse pensar, a família é, ou deveria ser, o referencial dos filhos/alunos, o porto seguro. Mas, infelizmente, é o local onde a criança/adolescente sofre ou presencia muitas vezes atos de violência, e geralmente encontra-se cercado por instrumentos e situações que remetem à violência. Priotto e Bonetti, em suas pesquisas, relatam que

muitos dos trabalhos que analisam a temática sobre a violência escolar, se referem a esse tipo de violência como consequência de um processo que começaria na família, a desestruturação familiar, a falta de limites e de referências da maioria dos adolescentes e teria continuidade nos grupos e relações sociais pertencentes ao ambiente externo à escola (PRIOTTO, BONETTI; 2009, p. 165).

Ou seja, o comportamento agressivo dos alunos pode se manifestar, também, como reflexo de um ambiente familiar deficiente, conturbado e ameaçador. A falta do afeto e valores são grandes influenciadores na promoção de atos violentos dentro da escola e estão diretamente ligados a ausência dos pais/responsáveis, que, em

busca da sobrevivência diária para a família, deixam os filhos com babás, creches ou até mesmo em casa com os irmãos mais velhos. Dessa forma, o tempo de convivência entre pais e filhos está cada vez mais reduzido. A família já não tem tempo para o convívio familiar, para a troca de afeto e carinho, tempo para passar os conceitos de valores morais e respeito, os quais são essenciais na formação humana. Há, então, a ausência do exercício das atribuições que compete à família em relação às crianças e aos adolescentes. A privação afetiva, a falta de cidadania e a falta de modelos positivos podem contribuir para que crianças e adolescentes cometam atos violentos (PRIOTTO; BONETTI; 2009).

Com a carência ou ausência de afeto, as crianças tendem a recorrer à violência como forma de chamar atenção para receber afeto. Com a perda dos valores afetivos e morais, as crianças e adolescentes perdem o referencial ligado ao afeto, cuidado, respeito mútuo – esses essenciais para o comportamento na sociedade. Dessa forma, crianças que não são educadas, no sentido de respeitar os outros, a partir das noções de valores de cidadania, buscam fazer suas próprias vontades, e quando não são bem sucedidas, tornam-se agressivas, por já ter a violência como valor primordial na sua personalidade. Elas usam a violência para resolver seus conflitos pessoais.

A violência exercida por crianças, adolescentes e jovens nas escolas é, na maioria das vezes, a violência que o meio exerce sobre eles. As famílias têm, literalmente, transferido a responsabilidade da educação dos filhos para a escola. É preciso atentar aos conceitos, pois não cabe à escola exercer a função da família em relação aos alunos. Instituição escolar, família, órgãos públicos, entre outros, e até mesmo o próprio indivíduo, cada um desempenhado a sua função, o seu papel na sociedade para construir um ambiente de valorização e respeito mútuo, onde a violência não seja o fator imperador da realidade dentro e fora da escola.

A mídia, por sua vez, também pode ter uma grande influência sobre crianças e adolescentes no sentido de instigá-los a reproduzir atos violentos no contexto escolar. Através da tela (da televisão como dos demais aparelhos tecnológicos, como computadores e celulares) são apresentadas cenas de criminalidade de forma empolgante, com distorções significativas da realidade e, na maioria das vezes, o agressor é beneficiado mesmo que temporariamente. Nesse sentido, Priotto e Bonetti, consideram a influência da mídia como um fator causador da violência escolar (PRIOTTO, BONETTI; 2009).

Mirian Souza (2008), em seu trabalho, permite entender que internet e os vários meios de comunicação têm um grande poder de manipulação na sociedade. Estes apresentam uma enxurrada de cenas com mensagens negativas de roubo, casos de assassinato, sequestros, tráfico de drogas, etc., de forma empolgante e impactando crianças/adolescentes e jovens. Eles se veem fascinados diante do que esses instrumentos lhes oferecem e assim os tomam como modelos positivos e dignos para a reprodução de atos pouco louváveis na sociedade, uma vez que lhes falta modelos humanos adequados não-violentos (SOUZA, 2008)

Retomando a discussão dos fatores institucionais feita por Branco (2014), a autora expressa que na pesquisa realizada, a omissão do Estado na prevenção e repressão se destaca. Indicando, ainda, a deficiência e ineficiência em certas áreas, as quais são importantes trazer a essa discussão. A pesquisadora aborda que, em relação ao sistema escolar, principalmente o público, a não valorização dos profissionais que inclui o inadequado pagamento e ausência de capacitações ocasiona a desmotivação e o despreparo no exercício das atribuições no ambiente escolar. Consequentemente, torna-se mais difícil esses profissionais compreenderem a complexidade da violência escolar e quais atitudes tomarem frente a ela.

A questão da moradia, como fator institucional, é exposta pela autora Branco (2014) ao dissertar que políticas inadequadas culminam no aumento do número de desabrigados, “formando uma população ameaçada e ameaçadora, presa fácil para os chefes da droga e do crime, que dela se servem para o roubo, a prostituição e a venda de drogas.” (BRANCO, 2014, p. 34). Nesse contexto, há a exploração de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. O reflexo social se dará também na escola, onde a violência sofrida por esses sujeitos influenciará suas condutas.

O não recebimento de investimentos necessários pela saúde pública, de acordo com a pesquisadora Branco (2014), resultará em “hospitais com falta de equipamento e remédios e imensas filas a espera de atendimento; além de cortes no orçamento do setor, ainda há o desvio de verbas por burocratas sem escrúpulos” (BRANCO, 2014, p. 34). Vê-se a omissão do Estado em cumprir suas atribuições sociais e, assim, contribuindo para o agravamento social da ausência de acesso aos direitos e perpetuação violência.

No que diz respeito aos transportes públicos, Branco (2014) afirma que

além de servir mal as populações de periferias, são caros em relação aos baixos salários. As horas gastas no transporte para o trabalho e de volta a casa esgotam o organismo e desorganizam a vida familiar, desencorajando o trabalho e estimulando a venda de objetos contrabandeados ou a delinquência, cujos ganhos são mais atraentes e menos desgastantes. (BRANCO, 2014, p. 34).

Visualiza-se como exposto pela autora, a desigual relação e condições entre os sujeitos sociais pela falha no poder estatal em proporcionar serviços públicos dignos a todos que deles necessitam, por exemplo, transporte público. A exclusão é fator que marca também a violência escolar, não há igualdade de acesso aos bens públicos e esses bens, quando existem, não são ofertados em condições dignas a quem deles mais necessitam.

Findando sua análise sobre os fatores institucionais, Maria de Fátima Branco (2014) traz conclusões a respeito da repressão. Aborda a facilidade com que os profissionais da polícia, da justiça e do sistema penitenciário são corrompidos e assim possuem baixa credibilidade. Há um aparato que serve e privilegia determinados indivíduos por sua condição socioeconômica e outra parte da sociedade sofre a repressão, é a destinatária das injustiças sociais e da não aplicação correta e justa da lei. Essas considerações feitas por Branco (2014) permitem entender a violência escolar como resultado de um contexto social também marcado por violações. Não há respostas simples à questão tão complexa como é a violência no ambiente escolar. É preciso conhecer a realidade da escola e como se manifesta a violência nesse meio. Nesse diapasão, o próximo capítulo abordará a questão da violência na realidade da instituição escola hodiernamente.

### **3 A REALIDADE DA ESCOLA COM MANIFESTAÇÕES DA VIOLÊNCIA ESCOLAR**

Considerando que a escola é o local onde se adquire e desenvolvem saberes, ampliam-se experiências; onde se aprende a lidar com as diferenças, alargam-se os conceitos de valores étnicos e morais do indivíduo. Que os alunos que ela recebe possuem perfis diversificados (social, econômico e cultural) e esses trazem para o ambiente escolar todas as vivências histórico-culturais que lhes constituem na condição de sujeito que são. Diante disso, a escola encontra-se diante de um grande desafio como expresso por Maria Branco: “educar o sujeito para superar a violência produzida por uma sociedade que não respeita as diferenças e promove a fragilização das relações sociais” (BRANCO, 2014, p. 20). Há, dessa forma, uma expectativa em relação à escola, contudo a violência escolar se coloca como um desafio no atendimento dessa expectativa.

O objetivo deste capítulo é apresentar uma discussão acerca da violência escolar, abordando a realidade que a escola vive atualmente, o cenário de atos violentos cada vez mais constantes dentro do âmbito escolar. Para isso, foi dividido em duas seções o presente capítulo. A primeira seção se dedica à exposição das manifestações da violência no ambiente escolar e na segunda seção discorre-se sobre os desafios atuais da escola frente à questão da violência como também alternativas possíveis.

#### **3.1 Manifestações da violência escolar**

Para melhor compreensão no que diz respeito ao caráter multifacetado da violência dentro do ambiente escolar, e visto que se impõe uma série de desafios no que se refere a identificar os tipos de violência que ocorre nesse ambiente, Priotto e Boneti (2009) seguem a descrição de violência na escola por Abramovay (2003) e destacam como violência na escola (violência escolar) as seguintes situações:

- a) Violência Física: de um indivíduo ou grupo contra a integridade de outro (s) ou de grupo (s) e também contra si mesmo abrangendo desde os suicídios, espancamentos de vários tipos, roubos, assaltos e homicídios. Além das diversas formas de agressões sexuais.
- b) Agressão Física: homicídios, estupros, ferimentos, roubos, porte de armas que ferem, sangram e matam.

c) Violência Simbólica: Verbal - abuso do poder, baseado no consentimento que se estabelece e se impõe mediante o uso de símbolos de autoridade; Institucional – marginalização, discriminação e práticas de assujeitamento utilizadas por instituições diversas que instrumentalizam estratégias de poder.

d) Violência Verbal: incivildades (pressão psicológica) – humilhações, palavras grosseiras, desrespeito, intimidação ou “*bullying*”. (PRIOTTO, BONETI; 2009, p.165-166).

Por meio dessas características, a violência é entendida no trabalho dos autores mencionados como manifestações violentas gerada na escola e podem ser classificadas em três tipos: violência contra a escola, violência na escola e violência da escola. Se apresentará cada uma delas baseada nos relatos de Priotto e Boneti (2009) como também nos estudos de Marilena Ristum (2010).

### 3.1.1 Violência contra a escola

O elevado quantitativo de alunos com sua heterogeneidade sociocultural e o não proporcional acompanhamento pelas políticas educacionais com capacidade pra atender às demandas educacionais geradas pela sociedade é visto como violência contra a escola por Marilena Ristum (2010). A autora incorpora nessa categoria de violência a não valorização do professor por meio de melhores condições de trabalho e salário digno; e a não implementação de estrutura física tecnológica atualizada que sirva de instrumental ao professor:

As políticas públicas desenvolvidas ao longo de vários anos, no Brasil, acabaram sucateando as escolas e promovendo uma crescente desvalorização social do professor, aliada ao seu empobrecimento marcante, com reflexos profundos em sua autoestima. Isto constitui um quadro que pode ser pensado aqui como um desrespeito aos direitos humanos, não só dos professores, mas também dos alunos, de seus pais e de toda a sociedade, que, em última instância, sente os efeitos de tal desrespeito. (RISTUM, 2010, p. 70).

Marilena Ristum (2010) conclui que esse contexto de ausência do poder público em valorizar o profissional e, também, de capacitá-lo para o exercício da profissão por meio inclusive de recursos e matérias, é favorável à ascensão da violência. Violência que entra na escola como aquela que acontece no seu interior, a partir da sua dinâmica institucional. Não será mais apenas a violência externa, mas uma violência cotidiana, com a qual o próprio professor não se sente preparado para lidar (RISTUM, 2010).

A ação de pessoas ou grupos externos à escola será inserida na categoria de

violência contra a escola por Ristum (2010), a qual relaciona os seguintes exemplos: “depredações, arrombamentos e roubos realizados por pessoas alheias aos educandários” (RISTUM, 2010, p. 71). A autora esclarece que a própria escola pode favorecer tais práticas por sua desorganização, pela falta de professores às aulas que resulta em alunos fora da sala de aula, a forma não atraente de condução das aulas que leva estudantes a não permanecer nas salas, a ausência de controle da entrada e permanência de pessoas na escola, ausência frequente do diretor escolar e as precárias condições físicas da escola, a não aproximação da escola com a comunidade ao seu entorno (RISTUM, 2010).

### 3.1.2 Violência na escola

Inicialmente, Priotto e Boneti (2009) colocam que a violência na escola é entendida como aquela que se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligada à natureza e as atividades da instituição escolar (PRIOTTO; BONETI, 2009). Por exemplo: quando um bando entra na escola para acertar contas das disputas que são as do bairro, a escola é apenas o lugar de uma violência que teria podido acontecer em qualquer outro local. Posteriormente, os autores, ao considerar o contexto social dos diversos indivíduos que podem ter ou não relação com a escola, concluem ressaltando que essa violência é caracterizada por

diversas manifestações que acontecem no cotidiano da escola, praticadas por e entre professores, alunos, diretores, funcionários, familiares, ex-alunos, pessoas da comunidade e estranhos. Caracterizam-se como atos ou ações de violência: Física – contra o(s) outro(s) ou contra o grupo, contra si próprio (suicídios, homicídios, espancamentos, deferimentos, roubos, assaltos, ferimentos, golpes, estupro, agressões sexuais, exibicionismo, porte de armas que ferem, sangram e matam; drogas [uso, oferta, venda, distribuição de Álcool, Tabaco, Maconha, Cocaína, Crack, Merla, Anfetamínicos e outros]). Incivilidades - desacato, palavras grosseiras, indelicadeza, humilhações, falta de respeito, intimidação ou bullying. Como reforça Fukui (1991), essas ações costumam ocorrer: dentro da escola (pátio, quadra, salas de aula); portão de entrada da escola e na via pública em frente à escola. Com efeito, esses atos de violência sempre envolvem indivíduos pertencentes à escola, como vítimas ou como agressores. (PRIOTTO, BONETI; 2009, p. 168).

Como se observa da afirmação de Priotto e Boneti (2009), a violência na escola pode ocorrer de várias formas, inclusive com a prática de crimes. É importante destacar que crimes precisam ser analisados pelas instituições da segurança pública como determina a legislação. Isso mostra que na escola há ações

diversas do objetivo para o qual a escola existe; reafirmando os desafios pelos quais a instituição escolar tem passado na atualidade.

Marilena Ristum (2010) afirma que esse é o tipo de violência mais comentado e é considerado como a principal dentre todas as violências que ocorrem dentro do ambiente escolar. É o que ganha maior divulgação pela mídia. É a violência identificada com facilidade pelos profissionais da educação, pelos órgãos dirigentes e da segurança pública. Os alunos são na maioria das vezes seus principais autores (RISTUM, 2010).

Pelos estudos dos autores supracitados, entende-se que a violência ocorre em várias modalidades e na maior parte das vezes começa pela forma da violência verbal podendo chegar à violência física. Ocorre entre: aluno contra aluno; aluno contra funcionário; aluno contra a estrutura física da escola (essa conhecida como vandalismo e depredação escolar). Reafirma que pode ser praticada tanto por pessoas ligadas à escola (como os alunos) ou por grupos externos à instituição escolar. Como exemplo de violência praticada por alunos, podemos citar: furtos de materiais e equipamentos, quebra de instalações; pichações etc. Importante destacar que a escola pública está mais exposta a essa violência do que a escola particular. Ristum (2010) explica que isso se deve a uma mentalidade banal da sociedade de que o público é de ninguém. Mas é justamente o contrário: o público é de todos. É a escola da comunidade e não apenas a escola na comunidade.

### 3.1.3 Violência da escola

Marilena Ristum (2010) afirma que a violência da escola está

ligada às políticas educacionais e, mais especificamente, à maneira como se estruturam as relações hierárquicas no sistema educacional, há uma violência que foi chamada por Bourdieu (1989) de violência simbólica, da qual o professor é tanto alvo quanto autor. (RISTUM, 2010, p. 73).

Entendendo a violência da escola como violência simbólica, Rustim (2010), permite compreender que o professor pode sofrer como praticar tal violência. A autora exemplifica do seguinte modo:

A violência simbólica é utilizada como forma de dominação, inclusive pelos professores, posto que os símbolos são instrumentos estruturados e estruturantes de conhecimento. Mas também os professores estão sujeitos a essa violência, ao ter que cumprir prazos, programas, preencher formulários, cadernetas etc., ou seja, atender às determinações vindas de

cima, sem que o professor tenha participação na sua elaboração. Assim, nas nossas instituições escolares, percebe-se o professor com um duplo papel: de um lado, como representante do poder, exerce o papel de dominador; de outro, o papel de dominado, submetendo-se a regulamentos e exigências burocraticamente estabelecidas, em que os aspectos organizacionais administrativos se sobrepõem à pedagogia (RISTUM, 2010, p. 74).

Pelo exposto acima, a violência da escola faz com que os profissionais transitem como vítimas em determinados momentos e em outros como autores. Ristum (2010) indica que as decisões formadas consensualmente entre os envolvidos (profissionais que possuem níveis hierárquicos diferentes, por exemplo) é uma alternativa à violência simbólica.

Para Priotto e Boneti (2009), a violência da escola está ligada à natureza e às atividades da instituição escolar. Exemplificando: quando os alunos provocam incêndios, batem nos professores ou os insultam, eles se entregam à violência que visam diretamente à instituição e àqueles que a representam. Essa violência contra a escola deve ser analisada com a violência da escola: uma violência institucional, simbólica, que os próprios jovens suportam através da maneira como a instituição e seus agentes os tratam (modos de composição das classes, de atribuição de notas, de orientação, palavras desdenhosas dos adultos, atos considerados pelos alunos como injustos ou racistas) (CHARLOT *apud* PRIOTTO, BONETI; 2009).

No entanto, Priotto e Boneti (2009) destacam que, para Abramovay (2003), essa classificação mostra-se insuficiente para certos tipos de manifestações de violências existentes na escola como: brigas entre alunos ou as discussões entre professores e alunos que se dão na sala de aula ou no pátio da escola.

Essa proposta de classificação da violência nas escolas ajuda a compreender o fenômeno na medida em que considera manifestações de várias ordens. Contudo, mostra-se insuficiente para compreender certos tipos de manifestações que ocorrem dentro dos estabelecimentos de ensino e que estão relacionadas a problemas internos de funcionamento, de organização e de relacionamento (ABRAMOVAY, 2003). Para Priotto e Boneti (2009), por outro lado, esse olhar sobre a violência escolar consiste em um ganho na medida em que possibilita a defesa por um conceito de violência fundamentando num contexto social, histórico, cultural em que ele se dá com vantagens de poder envolver ações, comportamentos e situações diferenciadas que envolvem indivíduos distintos (professores alunos, membros da comunidade e demais membros da comunidade escolar).

Nesse pensar, concordando com os autores em tela (PRIOTTO; BONETI; 2009; RISTUM, 2010), a violência escolar é compreendida como construção social, que ocorre em meio a interações entre as pessoas no ambiente da escola. Nas palavras dos autores: “ênfatizando a probabilidade da violência como um processo social que compreende tanto relações externas como internas, e institucionais, em particular no que tange as relações sociais entre sujeitos diversos” (PRIOTTO, BONETI; 2009, p. 168). Na escola, como espaço da diversidade, haverá conflitos entre aqueles que usufruem desse espaço; conflitos inerentes às relações sociais que, se não forem geridos na ótica da cidadania, poderão evoluir para manifestações de violência.

### **3.2 A escola permeada com a violência e possibilidades para enfrentá-la**

A aviltação da violência no ambiente escolar tem sido demonstrada e, com isso, entende-se que a continuidade dos debates e pesquisas sobre a dada ocorrência da violência são imprescindíveis. De acordo com o Observatório de Segurança Pública Cidadã/Reds/Sesp em “Principais naturezas de crimes em instituições de ensino em 2018”, o percentual no Estado de Minas Gerais de furto é de 28,2%, de ameaça é de 9,1% e de briga é de 7,9%. A escola tornou-se a cada dia palco de agressões diversas, amedrontando toda a comunidade escolar e espalhando pavor e desconforto, ao invés de ser o lugar onde se constroem o conhecimento e os pilares básicos para a cidadania (GODOTTI, 2001). Em alguns estudos, a violência escolar é caracterizada apenas como atos de violência física. Outros, no entanto, enfocam a violência verbal e as agressões, enquanto ainda há aqueles que atentam para o comportamento de oposição às regras e atividades escolares, a depredação da escola, os furtos e os comportamentos antissociais (PAULA; SALLES, 2010).

É preocupante a situação atual a qual vem mudando e alterando o real papel da escola na sociedade. O lugar que deveria ser prazeroso e onde se desenvolveria e aprimoraria o saber, como previsto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), lei n. 9394/96, no seu artigo 3º, passou a ser palco de violências. A ação da escola precisa ser pautada por princípios legais como: igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; liberdade de aprender, ensinar,

pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber; pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas; respeito à liberdade e apreço à tolerância; coexistência de instituições públicas e privadas de ensino; gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais; valorização do profissional da educação escolar; gestão democrática do ensino público; garantia de padrão de qualidade; valorização da experiência extraescolar; vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais; consideração com a diversidade étnico-racial; garantia do direito à educação e à aprendizagem ao longo da vida. Todos esses princípios não podem ser esquecidos na prática escolar, contudo a violência que também faz da realidade das escolas desafia a garantia dos supracitados princípios. Não se pode ceder à violência, é preciso, então, pensar em respostas reais à questão da violência no ambiente escolar.

Como dissertado, a escola passa por um cenário agravante de ondas de violência crescentes que invadem cada dia o seu espaço de convivência e muda muitas vezes a rotina escolar. Isso torna o interior da escola num ambiente cheio de medos, frustrações, angustiante e perigoso, às vezes, se pensarmos no grau de violência ao qual estão expostas. A questão da violência nas escolas vai além da instituição escolar e requer investigações sobre fatores associados a ela como visto inclusive nas contribuições de Jane Costa (2007) referidas no capítulo anterior. Nesse sentido, é necessário que se busque um olhar além das perspectivas pedagógicas internas, como por exemplo, na construção dialógica do Projeto Político Pedagógico (PPP) para sua a gestão realmente democrática nas escolas e pelas escolas (FONSECA, 2003; JESUS, 2015; PADILHA, 2001). A LDBEN preceitua que cada escola deve elaborar seu PPP, ou seja, mediante a realidade de cada instituição de ensino se construirá democraticamente tal projeto. É preciso entender a escola como pertencendo à sua comunidade local (RISTUM, 2010); a escola é parte da comunidade e não um ator desvinculado. Assim, cabe à gestão escolar conduzir democraticamente todos os procedimentos durante a construção do PPP; é o momento de se verificar com propriedade os problemas enfrentados pela escola e de elaborar coletivamente possíveis soluções que serão respostas a esses problemas, entre ele o problema da violência escolar.

Entendendo que é preciso lutar contra todas as formas de violência, é necessário ter uma perspectiva de enfrentamento e prevenção de conflitos, para que o espaço escolar retome a sua posição original de ser um ambiente onde a busca

pelo saber construído autonomamente seja prioridade e o aprendizado constante. Em busca de respostas sobre o comportamento violento dentro do espaço escolar e consideramos que a violência nas escolas surge de problemas que acometem o dia-a-dia da escola, muitos não podem ser resolvidos, sem que se busque por soluções coletivamente construídas. É fundamental articular parceria da escola com a sua comunidade, com a população. Essa articulação poderá ser um dos pontos de partida para se discutir e inovar ações de âmbito local no enfrentamento e tomadas de medidas preventivas contra a violência dentro do espaço escolar.

No pensar sobre possibilidades concretas às questões da violência escolar, Priotto e Boneti (2009) afirmam a necessidade da busca por soluções coletivamente estabelecidas, ou seja, “a presença e a participação efetiva de professores, funcionários, pais e alunos, direção e líderes da comunidade nas discussões acerca dos caminhos a serem traçados na solução” (PRIOTTO, BONETI; 2009, p. 178). Almejar construir coletivamente possibilidades é relevante para a escola, pois com a busca da harmonização e da cultura da paz, o ambiente escolar será capaz de promover a socialização pacífica dos estudantes, formando cidadãos com a predisposição de conviverem em conjunto de forma respeitosa e tolerante. Vale ressaltar que, em conformidade com LDBEN no seu artigo 2º, a educação é dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, e tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. É dever de todos, não apenas de alguns ou de determinados setores sociais.

Compreende-se que a escola é o espaço que merece atenção especial, pois esse constitui dentro da sociedade, um ambiente para a formação de seres humanos, os quais possuem desejos, sonhos e expectativas. Ela é o palco de diversas experiências, vivenciadas numa troca de aprendizagem (RISTUM, 2010). A escola precisa ser entendida também como o local onde o ser humano busca desenvolver suas habilidades, expandir relações sociais, realizar e construir desejos, impulsos que colaboram na formação de identidades. Mas a escola, muitas vezes, é também o lugar de produção e reprodução da violência nas suas mais variadas formas e está se tornando o espaço físico onde se dão atos de agressão com consequências trágicas (PEREIRA, 2015).

A escola está perdendo suas características e funções essenciais de educação, socialização, promoção da cidadania e do desenvolvimento pessoal. É

necessária uma tomada de postura, começando, pela própria escola, para mudar essa realidade e a escola retomar o seu papel primordial de origem, o de promover a educação para a cidadania como expresso por Moacir Gadotti (2001) em sua obra *Escola cidadã*. O mencionado autor demonstra que a escola é espaço de inter-relações entre todos os sujeitos que dela fazem parte, o respeito mútuo é fundamental para que todos possam ter voz no ambiente escolar; quando exercita-se a convivência respeitosa na escola há possibilidade de construções de soluções – soluções que trarão a reafirmação da responsabilidade de todos os sujeitos e que contribuirá para a reafirmação da cidadania de cada ser humano e para se ter uma escola cidadã. Dando continuidade a essa reflexão, a contribuição de Oliveira (2008) sobre a função fundamental da escola ajuda a compreender a necessidade de uma escola cidadã:

a função fundamental da escola é promover a formação ética e intelectual das novas gerações, conforme o artigo 205 da Constituição Federal. Além de responsável pela transmissão e construção do saber, a escola deve favorecer a formação de cidadãos capazes de contribuir para a comunidade e de respeitar os direitos das demais pessoas. (OLIVEIRA, 2008, p. 36).

Refletindo sobre possíveis respostas à violência escolar, Oliveira (2008) afirma que “qualquer resposta rápida à questão da violência escolar corre o sério risco de ser simplista ou de generalizar situações específicas” (OLIVEIRA, 2008, p. 32). Frente ao fenômeno da violência nas instituições de ensino é basilar questionar a respeito de ações e propostas capazes de permitir solucionar o problema. Oliveira, partindo da observação de experiências internacionais<sup>4</sup> constatou que “os programas destinados a prevenir a violência escolar passam pela compreensão de dois paradigmas distintos: o da repressão, e o da prevenção” (OLIVEIRA, 2008, p. 32).

Para trabalhar o paradigma da repressão, o autor coloca que:

as iniciativas baseadas na repressão como solução para o problema da violência escolar estariam associadas à instalação de detectores de metais, revistas em alunos, verificação de bolsas, penalização de transgressões cometidas por jovens e adolescentes, e aumento de policiamento, entre outras. Esta perspectiva falha em não reconhecer os demais elementos estruturantes do fenômeno, como as determinantes socioeconômicas da comunidade escolar. No entanto, tem-se demonstrado como a medida mais usual para se resolver a questão da violência nesses espaços, pois, aparentemente, apresenta resultados rápidos e contribui para a sensação

---

<sup>4</sup> Windson Oliveira faz referências às experiências de outros países como: Estados Unidos, França, Inglaterra, Espanha, Bélgica, Alemanha e Japão (OLIVEIRA, 2008).

abstrata de segurança e a de que os crimes serão punidos. Além disso, as propostas repressivas tendem a interpretar a violência como uma expressão exclusivamente individual de pessoas incapacitadas para o convívio social. (OLIVEIRA, 2008, p. 32).

Oliveira (2008) ao afirmar que o paradigma da repressão é falho, entende-se que a proposta tenta responder de forma rápida à complexa situação da violência escolar; há inclusive o não reconhecimento de outros elementos estruturantes como toda a questão socioeconômica da comunidade escolar. No que diz respeito ao paradigma da prevenção, o pesquisador afirma:

as iniciativas de cunho preventivo ou que valorizem a cultura da paz estão centradas no estabelecimento do diálogo e da escuta como base do processo de negociação e resolução dos conflitos sociais escolares, na busca da paz social e no respeito à diversidade e à empatia entre as pessoas. (OLIVEIRA, 2008, p. 32).

Percebe-se que nesse último paradigma, há a compreensão de que os conflitos pessoais, grupais ou institucionais requerem respostas que envolvam o exercício do diálogo respeitoso e da construção coletiva. Isso indica a necessidade de mudança de mentalidade, do foco individualista para o olhar como coletivo. É preciso estabelecer parcerias envolvendo a escola e a comunidade como já exposto na discussão da presente seção. É imprescindível encontrar soluções conjuntas para o enfrentamento da violência (OLIVEIRA, 2008). Há aqui o ponto de convergência inclusive como a necessidade de construção coletiva e democrática do próprio PPP que cada escola precisa construir e executar.

Na tentativa de exemplificar possíveis ações práticas para o enfrentamento e prevenção da violência escolar, Mirian Souza (2008) traz à discussão a necessidade de promoção de cursos de capacitação para os professores e demais servidores da escola no sentido de elaboração e utilização de técnicas e orientações para lidar de forma adequada com as situações diversas de violências e comportamentos agressivos dentro da escola. A pesquisadora justifica que os professores não foram formados para lidar com a situação agravante de violência dentro do espaço escolar, por isso a necessidade de treinamento e capacitações com outros profissionais que já possuem expertise na área de enfrentamento e prevenção da violência escolar (SOUZA, 2008).

O empenho da escola é indispensável para que se possam promover projetos multidisciplinares e extracurriculares em parceria com a comunidade. Projetos como prática de esportes, atividades culturais, momentos de lazer construídos e

executados junto com a comunidade – tais ações devem inclusive fazer parte do PPP da escola. Tem-se dessa forma a concretização do paradigma da prevenção como exposto por Oliveira e a realização de uma gestão coletiva e democrática da escola como possibilidade real à violência escolar.

#### **4 CONCLUSÃO**

Dentre as análises desenvolvidas nesse trabalho, com vistas a responder quais os tipos de violência presentes no ambiente escolar, constatou-se que a violência escolar não está dissociada da violência existente na sociedade em geral. Na escola ocorre o reflexo das relações sociais, pois é um ambiente da diversidade por excelência. Por meio do estudo teórico dos trabalhos científicos analisados conseguiu-se identificar os tipos de violência presentes no ambiente escolar como também chegar ao conhecimento das ações que motivam as diversas formas de violência na esfera da escola.

Concluiu-se, também, que para o enfrentamento da violência escolar é preciso que todos os atores que fazem parte da escola juntamente com a comunidade se predisponham à construção coletiva, respeitosa e dialógica de soluções. Essa afirmação corrobora, inclusive, com a exigência da lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, de que a gestão da escola precisa se dar de forma democrática para envolver todos os atores necessários ao diálogo respeitoso fito à elaboração de possíveis soluções para a problemática da violência escolar, principalmente no âmbito local.

Por conseguinte, a presente pesquisa contribui no entendimento das manifestações da violência na escola como também para propor caminhos de preveni-la e combatê-la. Necessária é a continuidade do pensar sobre as questões que foram trabalhadas nessa monografia para o constante aperfeiçoamento e busca de soluções à violência escolar.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Mirian. A crescente violência nas escolas brasileiras. **Youtube**, 23 nov. 2014. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?time\\_continue=763&v=dIJhPo1DPXY](https://www.youtube.com/watch?time_continue=763&v=dIJhPo1DPXY). Acesso em 11 fev. 2020.
- ABRAMOVAY, Mirian *et al.* **Escola e violência**. Brasília: UNESCO, UCB, 2003.
- BRANCO, Maria de Fátima Ferrão Castelo. **Violências escolares**: falas de educadores. 2014. 79 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2014. Disponível em: <http://tede2.unicap.br:8080/handle/tede/857>. Acesso em 3 fev. 2020.
- CHARLOT, Bernard. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 4, n. 8, p. 432-442, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/soc/n8/n8a16>. Acesso em: 11 fev. 2020.
- COSTA, Eloisa Helena de Campos. **A trama da violência na escola**. 1993. 261 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1993. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10438/9347>. Acesso em: 11 jan. 2020.
- COSTA, Jane Cristina Guedes da. **Violência nas escolas**: um novo olhar ante as relações sociais. 2007. 117 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/17869>. Acesso em: 7 fev. 2020.
- FONSECA, Marília. O Projeto Político Pedagógico e o Plano de Desenvolvimento da Escola: duas concepções antagônicas de gestão escolar. **Cad. Cedes**, Campinas, SP, v. 23, n. 61, p. 302-318, 2003.
- GADOTTI, Moacir. **Escola Cidadã**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- JESUS, Osvaldo Freitas de. Do projeto político-pedagógico ao projeto estratégico escolar. **Regae: Ver. Gest. Aval. Educ.** Santa Maria, RS, v. 4, n. 8, p. 7-16, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5902/2318133817081>. Acesso em 5 dez. 2019.
- MELO, Elza Machado. **Podemos prevenir a violência, teorias e práticas**. Brasília: Organização Pan-Americana de Saúde: UFMG, 2010. Disponível em: [http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/podemos\\_prevenir\\_violencia.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/podemos_prevenir_violencia.pdf). Acesso em: 3 nov. 2019.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza; SOUZA, Edinilsa Ramos de. Violência e saúde como um campo interdisciplinar e ação coletiva. **Hist. Cienc. Saúde - Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.4, n.3, p.153- 531, nov. 1997. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-59701997000300006>. Acesso em: 12 dez.. 2020.
- OLIVEIRA, Windson Jeferson Mendes de. A policialização da violência em meio escolar. Tese de doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

PADILHA, Paulo Roberto. Planejamento, plano, projeto: uma tipologia. *In: \_\_\_\_\_*. **Planejamento dialógico: como construir o projeto político-pedagógico da escola**. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2001. p. 29-44.

PAULA, Joyce Mary Adam de; SALLES, Leila Maria Ferreira. A violência na escola: abordagens teóricas e propostas de prevenção. **Educar em Revista**, Curitiba, n. especial 2, p. 217-232, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/nspe2/13.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2019.

PEREIRA, Maria Inez. **Violência da escola e violência na escola**: a percepção dos professores e professoras de escolas de Belo Horizonte e suas implicações para o espaço de trabalho. 2015. 80 f. Dissertação (Mestrado em Promoção da Saúde e Prevenção da Violência) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/BUBD-ACBMLX>. Acesso em: 27 nov. 2019.

SILVA, Cirlene Maria da. **Violência e escola: perspectivas e desafios**. 2012. 115 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2012. Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/2160>. Acesso em: 13 dez. 2019.

PRIOTTO, Elis Palma; BONETI, Lindomar Wessler. Violência escolar: na escola, da escola e contra a escola. *Rev. Diálogo Educ.*, Curitiba, v. 9, n. 26, p. 161-179, jan./abr. 2009. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.7213/rde.v9i26.3700>. Acesso em: 15 dez. 2019.

SOUZA, Edinilsa Ramos de (org). **Curso Impactos da Violência Sobre a Saúde**. Rio de Janeiro: ENSP/FIOCRUZ, 2007.

SOUZA, Miriam Rodrigues de. Violência nas escolas: causa e consequência. **Cad. Disc. do Inst. Sup. de Ed.**, v. 2, n. 2. Aparecida de Goiânia, GO, p. 119-136, 2008. Disponível em: <http://www.faculdadealfredonasser.edu.br/files/pesquisa/Artigo%20VIOL%C3%8ANCIA%20NAS%20ESCOLAS%20-%20CAUSAS%20E%20CONSEQU%C3%8ANCIAS.pdf>. Acesso em: 4 jan. 2020.

VASCONSELOS, Renata Nunes. **Violência escolar**: uma das manifestações contemporânea do fracasso escolar. 2010. 248 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/FAEC-858P9M>. Acesso em: 7 jan. 2020.